

Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano
Artigos Seção Livre
Número 4. 734-733 Junho 2014
© 2014 by UFF

**SÓ PORQUE EU SOU BRANQUINHA: embates pelo controle representacional da
identidade nacional no caso do casal da Copa 2014**

**JUST BECAUSE I'M WHITE: struggles by representational control of national
identity in the case of couple of 2014 World Cup's**

Erly Guedes BARBOSA ¹

RESUMO: Este artigo analisa a disputa pelo controle representacional do Brasil por meio de discursos midiáticos no episódio do 'casal da Copa', como ficou conhecido o caso de suposta substituição das duplas de artistas negros Camila Pitanga e Lázaro Ramos pelos artistas brancos Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert no posto de mestres de cerimônia do evento de sorteio de chaves da Copa 2014. Os antecedentes do episódio, textos de especialistas e jornalistas, e declarações dos artistas envolvidos são analisados à luz dos estudos culturais. Nas ficções surgidas no debate público, branquitude e mestiçagem emergem como noções agenciadas nos embates pelo controle representacional do Brasil e da construção de sua identidade social.

PALAVRAS-CHAVE: Controle representacional; Casal da Copa; Identidade social.

ABSTRACT: This article analyzes the dispute over representational control of Brazil through the media discourses in the episode 'Couple Cup', became known as the case of supposed substitution of pairs of black artists Camila Pitanga and Lázaro Ramos by white artists Fernanda Lima and Rodrigo Hilbert to present the 2014 Fifa World Cup Brazil Final Draw. The history of the case, texts written by experts and journalists, and statements of artists involved are investigated from the perspective of cultural studies. In the fictions that emerged in the public debate, Whiteness and racial mixing emerge as brokered notions in the struggle for control of the representational Brazil and the construction of their social identity.

KEY-WORDS: Representational control; Couple Cup; Social identity.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, cultura e política, sob orientação da professora Dra. Liv Sovik. E-mail: erlyguedes@gmail.com.

Seis meses antes da Copa do Mundo chega a hora do sorteio dos grupos pela Fifa² que define os primeiros adversários de cada uma das 32 seleções de futebol participantes. Em geral, a expectativa em torno dessa cerimônia se circunscreve ao golpe de sorte (ou azar) da seleção brasileira em enfrentar, logo na primeira fase do Mundial, seleções bem cotadas ou não para levar a premiação final. Surgem então, a cada esquina ou *blog*, comentários sobre seleções de futebol anteriormente campeãs, ‘grupos da morte’ ou favoritas de cada chave nessa fase eliminatória. Pululam tabelas com os principais jogos e, nesta edição, com os estádios sede de cada disputa.

Realizado no dia 06 de dezembro de 2013, na Costa do Sauípe, famoso complexo de resorts na Bahia, o sorteio das chaves mobilizou a atenção pública para o debate sobre as relações raciais no Brasil, por meio do embate pelo controle representacional da identidade nacional. Descrito pela mídia brasileira como um caso polêmico, a notícia da troca de um casal de artistas negros por um casal branco para o posto de mestres de cerimônia marcou o evento promovido pela Fifa. No dia 23 de setembro de 2013 a coluna Radar on Line, da revista Veja (revista semanal de maior circulação no país), assinada por Lauro Jardim, divulgou que os atores negros Camila Pitanga e Lázaro Ramos, sugeridos como apresentadores do sorteio pela Rede Globo de televisão, foram vetados pela Fifa sob o argumento de que a cerimônia não deveria ter a imagem vinculada à emissora da família Marinho. Então no dia 23 de novembro, a mesma coluna divulgou que a Fifa preferiu outra dupla, os apresentadores Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert, brancos e loiros, igualmente funcionários da Rede Globo de televisão, para o posto à frente do evento. Durante as duas semanas que antecederam o sorteio surgiram posicionamentos a respeito do acontecimento; os artistas envolvidos, especialistas, políticos, jornalistas e pessoas comuns criticaram e/ou apoiaram a decisão da entidade organizadora do campeonato, que foi acusada de racismo. Há aí a construção de uma narrativa³ que estabeleceu uma ruptura com a normalidade do cotidiano.

² A Federação Internacional de Futebol Associado é a instituição internacional que dirige as associações de futsal, futebol de areia ou futebol de praia e futebol associado – o futebol dos gramados mundialmente popular.

³ O *corpus* foi delimitado em jornais e revistas de circulação nacional (O Globo, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Veja, Época, Istoé e Carta Capital), *blogs* ou *sites* que discutem especialmente questões raciais no Brasil, configurando-se como mídia alternativa, (Geledés, Criola, Racismo Ambiental, Observatório de Favelas, Pragmatismo Político, Revista Fórum, GGN – *Blog* do Luís Nassif, Blogueiras Negras) e na televisão aberta (Rede Globo, tendo em vista que esta é a emissora detentora dos direitos de transmissão do Mundial no Brasil). O procedimento de coleta utilizou as ferramentas de busca dos *sites*, com os filtros temporais do acontecimento

Em vez de fenômenos espontâneos, sem sujeito histórico; as figurações discursivas ou representações são aqui tratadas como prática social, portanto, dinâmicas, sujeitas a tensões culturais, políticas e históricas. Dessa forma, a representação é entendida como forma de atribuição de sentido e que, por seu caráter flutuante, não pode ser fixada definitivamente, passível de ganhar nova inflexão; e como tal “é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2004). Falamos aqui de uma disputa pelo controle representacional da brasilidade, visto que tais relações de poder determinam a fixação de identidades – o que de fato nunca ocorre completamente (HALL, 2003).

Vistos como um conjunto de práticas comunicacionais que participam de circuitos mais amplos de produção de sentido, os discursos midiáticos guardam um caráter performativo e constitutivo. Com isto, contudo, não pensamos uma mecânica relação de causalidade e efeito entre discursos e prática social. Partimos do pressuposto que a mídia não se constitui em mero espaço de registro dos discursos e intervenções dos atores sociais envolvidos no debate público, mas responsável por contribuir na produção, transformação e reprodução dos objetos sociais (FAIRCLOUGH, 2001).

No debate público sobre o casal da Copa de 2014⁴, o que está em jogo são as dinâmicas de construção representacional e, por conseguinte, identitárias do Brasil. Segundo a contemporânea teoria cultural, as noções de diferença e identidade são engendradas no interior dos sistemas de representação (HALL, 2003). Ao agenciar determinadas noções em regimes representacionais do país, em especial as concernentes às relações raciais hierárquicas, os diversos sujeitos sociais (especialistas, Estado, produtores culturais, artistas) atribuem a ele identidades que entram em disputa, pois se trata sempre de uma construção coletiva.

Como instituição de caráter cultural, político, econômico e eminentemente social; a mídia se configura em instituição-chave nas sociedades contemporâneas, pois envolve tanto o processo de produção material como simbólica e está inserida no tecido social, acarretando alterações distintas e, simultaneamente, sofrendo interferências advindas da sociedade. Segundo Sodré (2008, p. 27), a “tecnocultura – essa constituída por mercado e meios de comunica o, a do quarto bios – implica uma transforma o

associados a três palavras-chave “FIFA”, “RACISMO” e “FERNANDA LIMA”. Encontramos, ainda, textos adequados aos critérios de relevância para a discussão aqui proposta no *Blog* do Planalto.

⁴ As notícias analisadas remetem   dupla de mestres de cerimônia como ‘casal da Copa’ e ao acontecimento como ‘pol mica do casal da Copa’.

das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental”.

A análise do episódio sobre o casal da Copa do Mundo de 2014 em diferentes narrativas midiáticas deve lembrar que a ideia de raça esteve sempre presente, embora dissimulada, nos discursos dos meios de comunicação, bem como no pensamento social. Contemporaneamente, no debate sobre as relações raciais, a diferença calcada biologicamente já está desmontada. Contudo, na prática social, há uma hierarquia na qual ser negro é estar despojado de prestígio ou valorização. Dessa forma, raça é uma construção social – distante de compor um grupo homogêneo – afetada pela história.

Tencionando articular soluções para o dilema da constituição do estado moderno brasileiro, Oliveira Viana (1938) e Silvio Romero (1888), enquanto teóricos sociais, operaram configurações simbólicas no sentido de retirar as relações raciais do devir histórico posto que as ignoravam como objetivação da ação humana. Segundo Etienne Balibar (1991, grifos do autor), a nação é um construto cultural, isto é, que existe no domínio do simbólico a partir da noção de povo.

O problema fundamental é, portanto, a produção do povo. Melhor: é fazer o povo *produzir a si mesmo* continuamente como comunidade nacional. Ou ainda: é produzir o efeito da unidade graças à qual aparecerá, aos olhos de todos, “como um povo”, isto é, como a base e origem do poder político.

Balibar contribui, ainda, com a discussão ao chamar de etnicidade fictícia uma comunidade instituída pelo Estado nacional. Portanto, não é uma etnicidade que corresponda a um grupo efetivo, mas que se constitui no processo de discursos, de símbolos, de narrativas e ficções.

Destarte, buscamos jogar luz nas noções agenciadas discursivamente nas narrativas midiáticas constituintes do episódio do casal da Copa, identificando quais os lugares de fala são instados a aparecer, sem perder de vista que os sentidos não são fixos ou rigidamente articulados e que o discursivo é constitutivo da prática social. Optar por abordar este acontecimento por meio de uma perspectiva que fuja do dualismo postura racista/postura não racista da Fifa permite que o dissenso entre as diversas falas que emergem, em vez de representar o encerramento da questão com uma solução definitiva “ou isto ou aquilo” – ou a Fifa vetou o casal negro de artistas em troca de um casal branco por motivação racista ou a Fifa vetou um casal de artistas negros em troca do casal branco por motivos de ordem da qualificação profissional – abra brechas para as complexidades e contradições inerentes ao debate a respeito do controle e adequação da representação do Brasil.

Embates pelo Controle Representacional do Brasil por meio de Narrativas Midiáticas: a substituição de apresentadores negros por brancos

A divulgação da nota “A preferência da Fifa” pela Veja, na qual o jornalista Lauro Jardim anuncia a substituição de uma dupla de artistas negros por um casal de artistas brancos, todos funcionários da mesma emissora de TV, para o cargo de mestres de cerimônia no sorteio de grupos da Copa de 2014⁵, suscitou nas mídias sociais – *blogs*, *Facebook* e *Twitter*⁶ – e meios de comunicação tradicionais diversas manifestações com a acusação de racismo à Fifa e, por conseguinte, textos que expõem argumentos de defesa da entidade.

Chamo atenção às dissimetrias de poder na definição (sempre incompleta) das identidades pelos grandes conglomerados de comunicação e pelas mídias alternativas, em suas distintas formas de visibilidade na arena de debate. Sem dúvida, cada produto midiático se lança a partir de estratégias específicas para a recepção por determinado indivíduo e, mesmo assim, a apropriação de seus discursos é negociada e atravessada por diversas condições. Portanto, a leitura de um texto publicado no site Geledés⁷ e de outro em O Globo, por exemplo, terá interferências de variadas ordens. A influência da mídia permanece incompreensível se não se considerar a sua importância em relação aos critérios de experiência e aos contextos situacionais do público: os discursos são recebidos, interpretados e adaptados ao contexto subjetivo de experiências, conhecimentos e motivações. Não proponho aqui – por não ser o objetivo nem pensar ser possível – uma solução final para a discussão sobre o papel dos tradicionais grupos midiáticos e do ativismo (ou circulação de conteúdo) em rede, mas destacar as diferenças entre tais processos de comunicação.

⁵ Sob o título Preferência da Fifa, o jornalista escreve: “Depois de rejeitar a ideia da Globo de pôr Lázaro Ramos e Camila Pitanga para apresentar o sorteio das chaves da Copa, a Fifa bateu o martelo. O casal Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert fará este papel no evento do dia 6 de dezembro”. (JARDIM, 2013)

⁶ Sites de rede social que permitem ao usuário a construção de um perfil público ou semi-público dentro de um sistema fechado, coordenar uma lista de outros atores com quem compartilha informações, e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema, possibilitando assim a comunicação. Cf. RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

⁷ Geledés – Instituto da Mulher Negra é uma organização não governamental criada em 1988, que busca interferir na definição de políticas públicas que objetivem a eliminação das desigualdades raciais e de gênero na sociedade brasileira. Entre suas diversas atividades, produz conteúdo em site, nas redes sociais Facebook e Twitter, além de publicações voltadas para a representatividade na mídia. “É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral”. (GELEDÉS, 2014) A palavra Geledè é originalmente uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso existente nas sociedades tradicionais yorubás. Expressa o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem-estar da comunidade.

Do ponto de vista analítico, entendo que as publicações definem uma série de procedimentos pelos quais a palavra do repórter ou articulista é selecionada, organizada e reapresentada. Dessa forma, há uma multiplicidade de vozes nos textos aqui analisados caracterizada pela constante negociação e tensionamento entre a instituição e o sujeito. Ou seja, não me parece que o repórter enuncia unicamente do lugar individual, mas aciona outros enunciadores (publicações) de modo que estes sejam incorporados pela sua voz. Segundo Foucault (2001, p. 279), a função do autor “não remete pura e simplesmente a um indivíduo real; ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar”.

A revista Carta Capital, em seu *blog* Farofafá⁸, no dia 25 de novembro, caracteriza a atitude da Fifa como discriminatória e extrapola os sentidos da afirmação ao apontar o contexto em que ocorre o episódio: na mesma semana, o jogador brasileiro Paulão sai de campo, durante o campeonato espanhol, com a torcida do próprio time imitando macacos. A revista, na matéria intitulada “Fifa, sem racismo no Brasil, ok?”, aponta que há certa continuidade entre as medidas tomadas pela entidade contra os constantes episódios de racismo nos estádios e a decisão tomada em relação ao casal da Copa: “Por que em vez de combater a discriminação no reino em que manda, a Fifa prefere alimentá-la ou, no mínimo, silenciar sobre ela? De que adianta erguer faixas nos estádios com dizeres como “*Fair Play*”, “*Say No To Racism*”, se a prática fora do campo é outra?” (NUNOMURA, 2013). Ao ser informado sobre o episódio em terras espanholas, Joseph Blatter, presidente da Fifa, se diz enojado ao saber que “torcedores abusaram racialmente de um jogador do Betis⁹”. Como recorrente em outras narrativas, o racismo aqui é significado como exterior ao Brasil, como se fosse um fenômeno residual aparentemente sem consequências no plano das relações sociais que tem a Fifa como autora e brasileiros como vítimas pontuais, o que reforça a ideia de que não há racismo estrutural¹⁰ no Brasil. A narrativa sugere um acontecimento fora do devir histórico, reiterando o mito da democracia racial brasileira.

⁸ O *blog* Farofafá é assinado por jornalistas e críticos culturais. “É jornalismo fundado na reportagem, com atitude construtiva e positiva, sem preconceitos e que traduza a diversidade dos ritmos brasileiros e suas grandes transformações (...) Empolgada com a vigorosa ascensão social das classes C, D e E, Farofafá trabalhará para integrar essa população que fornece alguns dos melhores talentos aos processos informativos”. Cf. FAROFAFÁ. *Carta Capital*. Disponível em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br/sobre/>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

⁹ “Sickened to learn of ‘fans’ racially abusing Real a Bétis player. I condemn their actions, which were seen on TV/online by millions.” (tradução nossa) Disponível em: <https://twitter.com/seppblatter>.

¹⁰ O racismo estrutural é engendrado cotidianamente nas mais diversas instâncias sociais, configurando-se como estratégia social, econômica e política. Tem assumido formas diversas de expressão, seja no âmbito individual, coletivo ou institucional. Desde a década de 1980, diversos autores têm trabalhado o conceito de racismo nesta direção. Cf. HALL, Stuart, *Race, articulation and societies structured in dominance*, p. 341. In: HALL, Stuart, C. CRITCHER, T. Jefferson, J. CLARKE & B. ROBERTS (1978): *Policing the Crisis*. London: Macmillan. Cf.

Ao recomendar como uma alternativa à atitude afirmada como racista a “mistureba geral e espera que músicos de todas as cores, estilos e gêneros, estejam representados durante o Mundial da Fifa” (NUNOMURA, 2013), a revista Carta Capital, evoca o conceito de mestiçagem como característica nacional.

A ideia de mestiçagem ganha status de patrimônio nacional num momento da história político-cultural brasileira em que serviu como fórmula necessária e razoável para a modernização social, pois era imprescindível assimilar e disciplinar aquela parte da população que acabava de sair de um sistema escravista. Entre 1880 e 1930, a sociedade brasileira experimentou um intenso debate de como constituir uma noção de estado nacional moderno incorporando essa quase maioria de indivíduos negros/mestiços (VIANA, 1932; ROMERO, 2001). Num misto de embate e negociações com teorias que previam a falência da nação ou o necessário branqueamento corretivo – Oliveira Viana constata, em seu regime de verdade, que um futuro mais branco e feliz dar-se-ia engendrando biopolíticas¹¹ eugênicas como a distribuição racional de imigrantes europeus no território nacional de acordo com sua adaptabilidade ao meio – “foi nos anos 1930 que o mestiço transformou-se definitivamente em ícone nacional, em um símbolo de nossa sociedade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé, na comida e no futebol” (SCHWARCZ, 2012, p. 28).

Contudo, a valorização do nacional não se reflete na vida cotidiana. A desvalorização das populações negras está aí para qualquer um ver – se virar o pescoço e aguçar o olhar. O discurso da mestiçagem como característica nacional vela as hierarquias raciais presentes em diversas esferas como justiça, trabalho, lazer; fundamentando uma forma pretensamente harmoniosa de convivência dos grupos raciais – a famigerada ideia da democracia racial gestada por Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala no contexto do Estado Novo e apontada como mito por Florestan Fernandes a partir da disparidade em relação à prática social marcada de preconceitos e discriminações que afetavam a população negra paulistana pesquisada.

Em entrevista divulgada na Revista Fórum, publicação semanal impressa e disponibilizada *on line* surgida em 2001 com a cobertura do 1º Fórum Social Mundial¹²

SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da. (Orgs.) Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

¹¹ O Estado contemporâneo estabelece estratégias e dinâmicas concernentes à gestão política da vida: se trata menos de vigiar os corpos dos indivíduos e mais fortemente de gerir as “populações” em distintas instâncias. Cf. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

¹² O Fórum Social Mundial é um espaço de debate democrático de ideias, aprofundamento da reflexão, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da

e que dialoga com os movimentos sociais brasileiros, o cineasta Spike Lee – que tem abordado a temática racial em suas produções, em passagem pelo país para a promoção de seu novo filme, destacou que a Fifa é autocrática e “que está preocupada apenas com a audiência”, enquanto o músico Seu Jorge apontou que “o problema é que no nosso país preto não é bonito, preto tem ‘traços finos’. Ninguém admite a beleza negra” (SPIKE, 2013). Será que há alguma relação entre audiência – visto que os olhos de 250 milhões de espectadores estariam voltados ao espetáculo – e beleza negra? Liv Sovik (2009, p. 50) chama atenção para o fato de que a branquitude “é um ideal estético herdado do passado e faz parte do teatro de fantasias da cultura de entretenimento”.

Em geral, nos textos produzidos nessa perspectiva não houve discussões sobre a legislação que prevê as diferentes formas de expressão de racismo como crime no país – a lei antirracismo ou lei nº 7716/89 – ou a conjuntura atual das hierarquias raciais. No dia 02 de dezembro, segundo Radar on Line, da Veja, o Ministério Público de São Paulo entrou em campo e instaurou um procedimento investigativo sobre o acontecimento na tentativa de entender se o crime de racismo de fato ocorreu. Segundo o promotor Christiano Jorge Santos, tendo em vista "que os atores [Lázaro Ramos e Camila Pitanga] representam de maneira mais adequada a composição étnica e racial do povo do Brasil, ao passo que os atores escolhidos, Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert, de raça branca/caucasiana, sob tal aspecto, não." Na nota publicada por Veja, noticioso reconhecidamente representativo do conservadorismo midiático e do jornalismo performativo, o promotor argumenta ainda que "a escolha dos apresentadores, portanto, (...) é relevante para a identificação dos componentes do povo brasileiro, por habitantes de todo o mundo (...) e também para a autoafirmação dos brasileiros afrodescendentes." (JARDIM, 2013b)

Em contrapartida, em postagem do dia 04 de dezembro no *Blog* do Planalto – canal de comunicação da Presidência da República que trata especialmente de programas, ações e políticas de governo – o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, ao falar dos preparativos para a competição e sem mencionar claramente o caso do Casal da Copa, evoca o mito da democracia racial brasileira dentro e fora de campo como marca nacional.

Somos o país que, ao mesmo tempo que tem grande diversidade cultural e étnica, é um país também marcado por uma grande unidade. Queremos fazer

da Copa um momento de luta contra o racismo, um da afirmação daquilo que o esporte representa: confraternização, oportunidade de encontro entre as pessoas. Jogadores promovem esse encontro em campo, e precisamos promover esse encontro nas ruas, nas arquibancadas, expressando pelo futebol a esperança de um mundo pacífico e mais tolerante. (ALDO, 2013).

Como se pode explicar as formas totalmente distintas de os poderes Judiciário e Executivo entenderem a representação da identidade nacional nesse caso? O discurso do Estado está longe de constituir interesses coerentes e reconhecíveis aprioristicamente. É preciso destacar que as dinâmicas sociais não são sempre previsíveis como que engendradas por grupos sociais homogêneos e coesos. Na fala de Rebelo, há a imagem projetada de paraíso racial. Ao que parece, apesar de desmontado – numa perspectiva histórico-estruturalista por Florestan Fernandes, o mito da democracia racial brasileira permanece como plano de estado no qual a projeção de uma sociedade igualitária entre pessoas negras e brancas dissimula a prática exatamente oposta.

Primeiramente cabe salientar que, quando Florestan Fernandes classificou a democracia racial como um mito, o autor tinha em vista certa diferenciação entre o que seria a efetiva existência de práticas sociais e raciais igualitárias em nosso meio, e os desejos de que tal conduta viesse a tornar-se realidade no Brasil. (PAIXÃO, 2013, p. 333)

O mito não se dá de forma impositiva, todavia se configura como resultado de negociações, assimilações e apropriações pelas classes subalternizadas, numa tentativa de atenuação da imensa discriminação da qual essas pessoas são vítimas. Talvez seja a partir dessa amenização da sensação de desvantagem que se possa compreender a eficácia do mito da democracia racial contemporaneamente. Afinal, ele se fundamenta em relações caracterizadas por forte informalidade, ambíguas, marcadas pelo afeto. “A convivência social mais afável, mais comunicativa, é de enorme valor, mas a metáfora da genealogia comum para explicar as relações raciais se esgotou” (SOVIK, 2009, p. 53). Entendido como amortecedor da violência das relações raciais no país, o mito invisibiliza e torna possível estratégias como o genocídio de jovens negros – segundo estudo do IPEA (2013), em termos proporcionais, a cada pessoa não negra assassinada, 2,4 negros são mortos de forma violenta – ou o tratamento desigual no atendimento pré-natal e ao parto recebido por mulheres negras em relação a brancas (SENNA; LIMA, 2012).

No GGN, Luís Nassif endossa a hipótese de racismo da Fifa, acrescentando que a participação de Camila Pitanga e Lázaro Ramos era dada como certa àquela altura. “Embora ninguém aceite falar em preconceito racial, o fato é que a troca de um casal

negro por outro louro sugere algo que vai além da opção tecnicista” (NASSIF, 2013). Por outro lado, na matéria publicada na edição do Estadão de 28 de novembro, a Fifa nega as acusações de que tenha vetado os nomes dos atores negros posto que as propostas para os apresentadores do sorteio foram feitas pela agência GEO, em coordenação com a Rede Globo de tevê, e afirma que os “apresentadores e artistas vão refletir a diversidade do Brasil”.

A escolha do casal Rodrigo Hilbert e Fernanda Lima se deveu, principalmente, pela experiência positiva no lançamento da logo da Copa do Mundo da FIFA, em 2010, e no Sorteio Preliminar, em 2011. A própria definição da lista de artistas que participarão do Sorteio Final demonstra a diversidade da sociedade e da cultura brasileira. (CHADE, 2013)

Sob a mesma perspectiva, quando perguntado sobre os motivos que levaram à escolha do casal Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert, em entrevista à Revista Veja, o “responsável pela direção artística da *festa*”, diretor da Rede Globo e da GEO, Luiz Gleiser respondeu:

“Vejam o elenco do sorteio e digam se alguém pode ser acusado de racismo?”, afirmou Gleiser, em referência à presença de Alcione, Alexandre Pires, Olodum e Margareth Menezes como atrações musicais da festa. “Além do mais, a Fifa não tem nada a ver com isso. Foi uma decisão do Comitê Organizador Local, depois de ouvir a gente e a Fifa.” (PARA, 2013)

Como argumento de representação da citada diversidade brasileira no palco, Fifa e Rede Globo – que tem desempenhado papel de destaque na representação dos interesses dominantes ao longo das últimas quatro décadas – apontam artistas populares e negros como participantes do espetáculo. Será que há diferença entre os estatutos de mestre de cerimônia e de atrações musicais? Os artistas que pretendem refletir tal diversidade mencionados se movem num espaço onde a regra da autoridade branca não vale e em que há a valorização, por conseguinte, da cultura negra: a música popular. Segundo Livio Sansone (2004, p. 80) esse é um dos espaços categorizados como área “mole” das relações raciais, isto é, “espaços em que ser negro não constitui empecilho e, em certas ocasiões, pode até trazer prestígio”. Há espaços, ainda, em que ser negro representa uma vantagem: a capoeira, o candomblé, o futebol, o funk. Contudo, essas áreas nas quais a pessoa negra ganha visibilidade perdem o prestígio social. O papel de apresentador/a do evento, uma área “dura” correlacionada ao trabalho, guarda diferenças em relação ao papel de artista, considerado uma área “mole”. Há aí pistas de como esses discursos sobre a raça se relacionam com o discurso nacional de formação de uma identidade brasileira que seria no palco representada.

Carta Capital, no Blog Farofafá, expressa tal diferenciação: “A Fifa fez questão de esclarecer: casal de brasileiros negros para apresentar a cerimônia do sorteio da Copa do Mundo não vai rolar, músicos negros para animarem a plateia, sim, claro que pode. É a Casa-Grande & Senzala, só que do século 21” (NUNOMURA, 2013b). Apregoar a noção de mestiçagem como identidade nacional é sempre bom, desde que se continue sendo branco. Hall (1997) nos diz que é a diferença como “matéria fora do lugar”, isto é, como aquilo que não pode ser enquadrado em nenhuma categoria ou que pode estar alocado na categoria equivocada, que de fato pode vir a ameaçar a ordem cultural. No caso das práticas representacionais do Brasil, certas imagens têm sido repetidas e moduladas a partir de um lugar de fala para o outro. A cultura negra pode representar o país desde que seja no regime representacional do samba-mulata-futebol.

Além da Fifa, os veículos do grupo da família Marinho demonstram a visão que têm sobre o “caso” logo no título “Acusação de racismo à Fifa é ‘bobagem’, diz diretor da GEO Eventos” publicado no jornal O Globo e no Globo.com no dia 02 de dezembro. O diretor Luiz Gleiser, que também é diretor da Rede Globo de tevê, além dos argumentos de elogio à mestiçagem como elemento fundante da identidade nacional semelhantes aos agenciados pela Fifa, aponta que Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert demonstraram competência profissional em evento anterior de apresentação da logo da Copa e que “Olha esse elenco e vê se alguém pode ser acusado de racismo? São tempos de exasperação por hipérbole. Isso é bobagem, desculpe” (GLOBO, 2013). Lélia Gonzalez (1984) oferece um importante embasamento para pensar esse ponto. Quando diferentes discursos sociais são tensionados em narrativas midiáticas sobre um caso de racismo, a ridicularização do acontecimento é uma das duas principais estratégias adotadas para fugir à angústia ou incômodo causados a quem ocupa historicamente o lugar de opressor. O exagero ou exasperação por hipérbole se torna ridículo.

A Atriz Politizada e a Apresentadora sem Bandeira: construções discursivas de Camila Pitanga e Fernanda Lima

Os artistas envolvidos diretamente no acontecimento adotaram diferentes posturas em relação à suposta substituição das duplas no posto de mestres de cerimônia. Enquanto Lázaro Ramos e Rodrigo Hilbert em nenhum momento se pronunciaram, as atrizes e apresentadoras Camila Pitanga e Fernanda Lima escolheram veículos paulistanos para uma resposta frente ao debate público.

No dia 02 de dezembro, Camila Pitanga – atriz e apresentadora bissexta de premiações nacionais, que traz no currículo, ainda, ter comandado o palco do programa televisivo Som Brasil entre 2008 e 2010 – anunciou no Blog de Sonia Racy em O Estado de São Paulo, a respeito do convite da Fifa para participação como apresentadora do sorteio das chaves da Copa, que “Sinceramente, acho que a especulação é muito maior do que a situação. Até porque, não recebi convite oficial.” (RACY, 2013).

Ao ser entrevistada, Camila Pitanga busca demonstrar o contentamento com a premiação na 41ª edição do Emmy recebida pela telenovela Lado a Lado, da qual foi protagonista em parceria com a atriz Marjorie Estiano, apontando como a forma que as relações raciais foram apresentadas na trama pode interferir na autoestima da população negra. A novela se passa na primeira década do século passado na cidade do Rio de Janeiro e trouxe falas sobre a proibição ou polêmica em torno de elementos da cultura negra – como o futebol, o samba – ou fatos cotidianos que despontavam naquele contexto, como a reforma estrutural por que passou a cidade. “[A novela] Fala de um momento histórico muito importante, da afirmação da cultura africana, de o negro não se colocando como vítima da sociedade, mas, sim, como protagonista, como alguém que tem um pensamento crítico e que questiona o que está vivendo” (RACY, 2013). Segundo a atriz, a obra pode ajudar na compreensão da cultura brasileira “em seu paradoxo, no que tem de bom, no que tem de ruim”, levantando uma discussão sobre a representatividade.

Quando perguntada sobre assuntos como as manifestações de junho ou políticas culturais, Camila Pitanga se posiciona como uma mulher racional e interessada na conjuntura social da qual faz parte. Declarou, além disso, que valoriza o convívio no cotidiano de pessoas em diferentes regiões, como o nordeste ou o norte do país, durante a preparação para espetáculos e personagens, com a finalidade de conhecer a “realidade brasileira sem filtros”, além de discutir aspectos da política econômica atual. “A gente queria estar ali, conhecer, de fato, as demandas daquela terra. E não como um grupo que quer catequizar e mostrar o que sabe”. (RACY, 2013) Ao narrar sua personalidade e seus desejos, a atriz apresenta a si mesma como uma pessoa “politizada”.

Noutro diapasão, a apresentadora do semanal televisivo Amor & Sexo, Fernanda Lima, mostrou-se indignada com os debates gerados nas mídias sociais sobre o episódio. “Minhas contas estão pagas em dia, pago meus impostos. Sou uma cidadã, crio meus filhos da maneira que acho correta, prezo a educação, o respeito ao próximo, não discrimino ninguém. Também não levanto bandeiras”, declarou em entrevista à

coluna de Monica Bergamo do Jornal Folha de São Paulo, do dia 29 de novembro de 2013. A apresentadora e atriz – no texto publicado pelo periódico cujo “leitor-síntese” possui 40 anos, está nas classes A e B, tem alta escolaridade e a mesma probabilidade de ser homem ou mulher (FOLHA DE S. PAULO, 2013) – que segundo a jornalista foi alvo de duras críticas, retoma de maneira ambígua seu perfil de “profissional neutra”: como é uma comunicadora que afirma negociar sua mão de obra especializada e não se interessar por uma análise crítica da conjuntura social, Fernanda Lima acredita ser livre para firmar o contrato com a Fifa.

Na verdade, eu venho trabalhando com a Fifa já há alguns anos. E fui chamada para esse trabalho há mais de seis meses. Acompanhei esse bochicho todo que saiu na imprensa. Mas eu sou funcionária, uma comunicadora. Fui convocada e como tal aceitei e vou fazer o meu trabalho. O que tenho a ver com isso? Só porque sou branquinha? (BERGAMO, 2013)

Dessa maneira, Fernanda Lima, ao ironicamente evocar sua condição de ser branca, parece ignorar a história que determinou as identidades raciais no país (bem como o racismo institucional latente nas teias da prática social) e busca demonstrar que desconhece o lugar histórico de opressão e de garantia de privilégios que ocupa. “A branquitude é atributo de quem ocupa um lugar social no alto da pirâmide, é uma prática social e o exercício de uma função que reforça e reproduz instituições, é um lugar de fala para o qual uma certa aparência é condição suficiente” (SOVIK, 2009, p. 50). A apresentadora, mulher ideal branco-mestiça, representa a brasilidade.

Quando a atriz pergunta se está sendo responsabilizada *apenas* por ser branca, tal argumento preconiza que os setores engajados na discussão antirracista promoveriam, dessa forma, divisões abismais no cerne da sociedade brasileira ao defender um casal socialmente reconhecido como negro para apresentar o evento, o que supostamente configuraria um racismo às avessas contra os brancos que sequer são “responsáveis ou conscientes” pelo lugar que ocupam na grade de opressão e privilégios, ameaçando a sociabilidade harmoniosa existente indistintamente entre os brasileiros. Esses discursos de mestiçagem e democracia racial ressaltam a ideia de um país em que não há ódio racial, religando diferentes setores sociais desiguais por meio de uma relação individualizada e calcada no afeto, mas a hierarquia social, como já discutido aqui, se faz flagrante (SOVIK, 2009). A racialização do espaço público pautada na branquitude tornou naturalizada (e indiscutível) a hegemonia da figura branca como representante nacional ao ponto da possibilidade de presença da pessoa negra ter-se tornado desvio tal que só poderia ser interpretado como racialização.

A atriz e apresentadora fez outras críticas ao debate público ou “bochicho todo que saiu na imprensa”, colocando em xeque a aparência de verdade de que se revestem os discursos jornalísticos com objetivo de obterem a partir daí sua condição de credibilidade. “Os anônimos agora ganharam voz, qualquer coisa que eles falam, botam no vento e os outros vão inventando. O jornalismo perde credibilidade, né? (...) Todo mundo acredita no tal jornalista, só que ele inventa. E aí?” (BERGAMO, 2013) A informação produzida pelos media não circula no campo do verdadeiro, mas sim no do verossímil. Isto justifica, mais uma vez, a presente abordagem do acontecimento, que privilegia menos uma solução em busca da “verdade dos fatos” com a adesão a uma perspectiva ou outra – ou a Fifa foi racista ou a troca de artistas pela posição no evento sequer aconteceu – que o próprio debate e figurações discursivas produzidas.

Na mídia alternativa houve também quem se manifestasse acerca da substituição da dupla Camila Pitanga e Lázaro Ramos pelo casal Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert como mestres de cerimônia do evento promovido pela Fifa. Durante a polêmica, a doutoranda em Psicologia Social da USP, Camila Pavanelli publicou um artigo intitulado “Sobre impostos, racismo e um conselho de minha avó (comentário à entrevista de Fernanda Lima)”, veiculado na Internet pelo *site* Geledés, no qual além de questionar a estratégia utilizada por Fernanda Lima para desviar o debate público sobre racismo estrutural¹³, apontava também o papel da postura meritocrática da apresentadora na manutenção do estado de coisas e privilégios que cabem à sua condição de branca:

O problema é que “fazer tudo direitinho”, no nosso mundo, é exatamente o que o mundo exige para o mundo permanecer exatamente do jeito que está. Se continuarmos fazendo tudo direitinho, escovando os dentes, pagando impostos, aceitando convites da FIFA e passando no vestibular, passaremos os próximos duzentos anos sem que as futuras Camilas Pitangas sejam alçadas ao posto de estrelas internacionais – e, o que é muito mais grave, sem que as futuras filhas de empregadas domésticas consigam estudar em boas universidades. (PAVANELLI, 2013)

Liv Sovik (2013, p. 01) entende o sentido estratégico das práticas comuns de desconsiderar ou resistir às críticas ao contexto das relações raciais hierárquicas promovidas pelos setores subalternos. “Os brancos tendem a considerar que as ‘queixas’ de quem está do lado de fora são chatas, feitas por quem não sabe entrar nos circuitos do poder”. Além disso, conviver sem questionar sua responsabilidade social numa

¹³ “Ao dizer que paga impostos, Fernanda Lima tentou se esquivar do assunto racismo. Não posso dizer que não a entendo. Quando o assunto é racismo, nós brancos geralmente preferimos falar sobre impostos, sobre pobreza, sobre o julgamento do mensalão e sobre a morte da bezerra – tudo para não tocar no assunto tão incômodo com o qual morreremos de medo de lidar”, escreveu Pavanelli.

hierarquia racial, para os brancos, aparece como facilitador da vida cotidiana se comparado a relembrar a escravidão e sua vinculação com a injustiça social atual.

Considerações Finais

Os debates sobre a escalção dos mestres de cerimônia do sorteio de chaves da Copa no Brasil mostram como os sentidos de uma narrativa podem ser atravessados por diferentes discursos, ganhando significados frequentemente diferentes, ou mesmo contrários daqueles desenhados inicialmente. Ao levar em conta o movimento e a contradição, evitou-se pensar as dinâmicas sociais como resultantes de ações impetrados por grupos sociais homogêneos.

Nas ficções surgidas no debate público, branquitude e mestiçagem emergem como noções agenciadas nos embates pelo controle representacional do Brasil e da construção de sua identidade social, mesmo quando os textos são engendrados na dicotomia “Fifa racista ou Fifa não racista”. A Fifa, “ré” da polêmica do casal da Copa, se refere à adequação de Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert nas figurações de brasilidade por conta de “incluir” artistas negros no espetáculo; o Ministério Público e outros atores sociais apontaram incoerências no argumento da Fifa, além de questionarem a propriedade da instituição máxima do futebol de definir a imagem do Brasil internacionalmente; Pavanelli protestou, por seu turno, a legitimidade de Fernanda Lima na condição de branca-mestiça para o cargo. Afinal, qual destas versões corresponde perfeitamente à realidade? O colunista Ricardo Setti, da revista *Veja*, parece resumir o debate: “Camila Pitanga e Lázaro Ramos são mais brasileiros do que Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert porque são negros?”. Quem seria o representante mais “legítimo” da identidade nacional? Tendo em vista que “não há como escapar das políticas de representação, não podemos lidar com a ideia de ‘como a vida realmente é lá fora’ como uma espécie de tese para medir o acerto ou o erro político de uma dada estratégia ou texto cultural” (HALL, 2003, p. 346), optamos por analisar os debates em torno do que mereceria ou não ser mostrado quando o tema é a articulação entre racialidades e identidade nacional, no lugar de tentar solucionar os impasses causados pelas polarizações “Fifa racista/Fifa não-racista”, “brasileiro branco-mestiço/brasileiro negro”.

A celebração, nos discursos oficiais e populares, da mistura racial como singularidade brasileira percebida no acontecimento é configurada como disposição hegemônica respaldada para a discriminação racial. Contudo,

No contexto da mídia global, do turismo de massas e do comércio internacional, a imagem e a autoimagem são muito importantes e não podem mais ser separadas. Internacionalmente, o projeto do Brasil mestiço que contesta a supremacia branca estrangeira esbarra na evidente hipervalorização da branquitude, internamente, e na crescente hibridação de populações e culturas nos centros metropolitanos. (SOVIK, 2009, p. 75)

Destarte, contemporaneamente, o debate se abre para o reconhecimento de uma dimensão positiva dessa experiência híbrida que constitui o Brasil como diferença, desde que seja possível a percepção do valor cultural do entre-lugar, apontado por Homi Bhabha (1998). Faz-se necessário um esforço de repensar a mestiçagem em novos termos, tencionando qualificá-la politicamente de forma que ela não seja mais um dispositivo de poder ou instrumento de dominação, mas uma energia liberadora.

REFERÊNCIAS

ALDO: estádios serão entregues com relativa folga para a realização dos eventos-teste. *Blog do Planalto*, 04 dez. 2013. Disponível em: <<http://blog.planalto.gov.br/aldo-estadios-serao-entregues-com-relativa-folga-para-a-realizacao-dos-eventos-teste/>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

BALIBAR, É. “A forma nação: história e ideologia”. In: *Race, nation, class: ambiguous identities*. London & New York: Verso, 1991.

BERGAMO, M. ‘Só porque sou branquinha?’, pergunta Fernanda Lima sobre polêmica da Copa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 nov. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2013/11/1378153-cesare-battisti-espera-documento-para-oficializar-permanencia-no-brasil.shtml>> Acesso em: 06 dez. 2013.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade Brasília, 2001.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. O que é um autor?. In: *Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. 51 ed. São Paulo: Global, 2007. (1933).

GONZALEZ, L. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: Machado, Luiz Antônio et alii. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983, p.223-244.

HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. The spectacle of the Other. In: *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, 1997, p 223-290.

IPEA. *Vidas perdidas e racismo no Brasil*. Nota técnica Nº10/2013. Brasília: nov. 2013.

JARDIM, L. A preferência da Fifa. *Veja*, Radar on line, 23 nov. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/diversos/fifa-rejeita-camila-pitanga-e-lazaro-ramos-e-escolhe-outro-casal-para-sorteio-da-copa/>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

_____. MP investiga racismo da Fifa. *Veja*, Radar on line, 02 dez. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/diversos/mp-abre-investigacao-para-apurar-racismo-da-fifa/>>. Acesso em 06 dez. 2013b.

NASSIF, L. O racismo da FIFA. *Jornal GGN*, Luis Nassif, 25 nov. 2013. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/vania/o-racismo-da-fifa/>>. Acesso em: 06 dez. 2013.

NUNOMURA, E. Fifa, sem racismo no Brasil, ok? *Carta Capital*, Farofafá, 25 nov. 2013. Disponível em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br/2013/11/25/fifa-sem-racismo-no-brasil-ok/>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

PARA diretor da Globo, acusar Fifa de racismo é ‘bobagem’. *Veja*. 02 dez. 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/para-diretor-da-globo-acusar-fifa-de-racismo-e-bobagem>. Acesso em: 07 dez. 2013.

RACY, S. ‘O que faz as pessoas não se ouvirem e não respeitarem diferenças?’. *Blogs.estadao.com.br*, São Paulo, 02 dez. 2013. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/sonia-racy/o-que-faz-as-pessoas-nao-se-ouvirem-e-nao-respeitarem-diferencas/>> Acesso em: 06 dez. 2013.

ROMERO, S. *História da Literatura Brasileira*, tomos I e II. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001. (1888)

SANSONE, L. *Negritude sem etnicidade*: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil. Salvador/Rio de Janeiro: Edufba/Pallas, 2004.

SCHWARCZ, L. M. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*: cor e raça na sociabilidade brasileira. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SENNA, D. M.; LIMA, T. F. Questão da violência na Atenção Primária à Saúde da População Negra. In: BATISTA, L. E.; WERNECK, J.; LOPES, F. (Orgs.). *Saúde da população negra*. 2.ed. rev. e ampl. Brasília: ABPN, 2012. p. 160-181.

SODRÉ, M. *Antropológica do espelho*: uma teoria da comunicação linear e em rede. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOVIK, L. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____. *Alô, alô, mestiçagem*: É hora de repensar os mitos. Disponível em: http://www.afirma.inf.br/textos/janeiro_2004_cultura.rtf. Acesso em 10 abr. 2013.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

VIANA, O. *Raça e Assimilação*. Companhia Editora Nacional, 1938.